

MÉTODO FÔNICO: METODOLOGIA BARATA, CONTUDO MAIS IDEOLÓGICA E MARQUETEIRA DO QUE AS OUTRAS.

(Entrevista concedida à Folha de São Paulo, aqui na versão completa. A editoração da reportagem publicada aproveitou apenas algumas frases descontextualizadas desta longa entrevista)

1- A forma construtivista de alfabetizar é a mais usada no Brasil hoje? Se não, qual é?

Penso que foi a mais divulgada nas últimas décadas, no estado de São Paulo, tanto na rede Estadual como na da capital e em muitas redes municipais há uma acentuada divulgação do construtivismo, um exemplo é o projeto "Ler e Escrever". Bem, mas temos que fazer uma diferença entre o que as secretarias instituem e o que de fato acontece em sala de aula. Para aferir isso seria necessária uma pesquisa extensa e complexa (analisar o que de fato fazem os professores). Em minhas incursões e pesquisas em escolas públicas, o que sempre vejo é certa mistura de construtivismo e de outras metodologias. **Como sempre costumo dizer, nenhuma metodologia ou mesmo concepção ou ainda teoria dá conta da realidade, então, os professores improvisam, lançam mão do que podem para tentar dar conta das situações refratárias à concepção adotada.**

2 - O MEC parece culpar o método de alfabetização pela falta de efetividade no ensino dessa habilidade, principalmente no ensino público. Na sua opinião, o que causa a deficiência na alfabetização?

Em nossas pesquisas sempre constatamos, em primeiro plano, a complexidade a que estão submetidos os professores isoladamente. Com cada um em sua turma, isolado em sua sala, sem um projeto de trabalho mais coletivo, mais monitorado, mais predisposto, por exemplo, a perceber as falhas das teorias e dos métodos utilizados. Isolados, assumindo sozinho todas as responsabilidades, o resultado vai ser sempre ruim. O que falta é organização, controle do manejo cotidiano e do fluxo nesse sistema de ciclos. As redes escolares adotaram o regime de ciclo, que viera, em boa hora, para substituir o da seriação, mas tudo foi um arremedo, apenas se acrescentou mais um ano no Ensino Fundamental e se conformaram as reprovações aos

ciclos; em vez de reprovar anualmente, passou-se a reprovar nos finais do ciclo (final do terceiro, do quarto ano, conforme a rede). Para acompanhar cotidianamente o fluxo dos alunos, cuidar sobretudo daqueles que não se alfabetizam no tempo certo, é preciso um trabalho em equipe, um número de educadores um pouco superior ao número de turmas, de tal modo que seja possível ter educadores que vão se especializando nesses casos mais complexos. O MEC, no início desta década, tentou isso com o PNAIC, mas foi iniciativa tímida ainda, que apostou mais no material didático, na concepção de ensino, do que na organização escolar.

Não é com esta ou aquela metodologia ou concepção que se resolvem os problemas escolares. **Para mim, assumir metodologia é uma forma de baratear custos na educação.** Quando se fala que uma metodologia vai resolver os problemas, já se assume que outros investimentos não serão necessários. Quando se descobre que a metodologia é falível, lá se vão dez, quinze, vinte anos. É preciso parar com essa balela de metodologia e pensar a educação com pesquisas locais, aprofundadas, e não com verdades importadas dos EUA e Inglaterra. **O MEC culpa uma metodologia pelo atraso, mas quer introduzir outra, o tal Método Fônico. Fazem isso porque não tem pesquisadores bons na equipe, contratou para cargos importantes alguns amadores, gente sem experiência em ensino público.** E, por não ter pesquisadores, é que acusam tanto, fazem tanto barulho, alardeando que estão trazendo o método verdadeiramente científico, e que todos os demais seriam ideológicos (quer coisa mais ideológica do que isto: nós somos os melhores e os outros não prestam?!). **Infelizmente, a bobagem triunfa com mais facilidade do que as análises mais complexas. Chamem o MEC para conhecer a experiência da Escola de Aplicação da USP, que é muito boa, que aposta na organização do cotidiano escolar e não assimila metodologias restritivistas e nem acredita em milagres.**

-É mais fácil para o professor ensinar com métodos sintéticos?

Os métodos sintéticos são os que trabalham a partir das partes, da menor parte (fonema, sílaba, letra) para o todo (palavra, frase). É meio cartesiano nesse sentido, enxerga com rigor uma progressão independentemente dos sujeitos e de suas culturas. Boa parte das cartilhas seguiam esses métodos, cuja virtude aparente é sua programação mecânica, ou seja, o professor, seja de onde for, começa na lição da letra A e termina na lição da letra Z. De alguma forma o método fônico tem um pouco essa linha (dos fonemas

vocálicos aos consonantais mais complexos em sua representação escrita). **O lado ruim deles é que enfatizam uma subjetividade universal, homogênea, fora da cultura, como se todas as crianças fossem iguais**, não respeitam o conhecimento que a criança traz e nem fazem ideia do quanto elas podem aprender em grupo, sobretudo quando se envolvem em atividades prazerosas, mais afeitas às suas fantasias, por exemplo, atividades linguísticas lúdicas (brincadeiras com palavras, parlendas, trava-línguas, adivinhas etc.) e com narrativas e poesias que as encantem. Um boa metodologia ou concepção não pode menosprezar as singularidades e a riqueza cultural que cada criança traz. Em geral, as metodologias sintéticas não aproveitam essa riqueza. A metodologia fônica atualmente até põe algum ludismo em suas atividades, mas em geral centraliza tudo na correlação fonema-grafema e na sistematização programática para todos os alunos do Brasil (homogeneízam tudo!). **O que todas têm em comum? Custo baixo e promessas impossíveis!**

É mais barato e demanda uma menor personalização e um menor acompanhamento da evolução dos alunos?

Sim, organizar uma escola que leva em conta as singularidades das crianças, que assuma uma subjetividade mais complexa, tudo isso demanda muita formação profissional, rede escolar e escolas mais organizadas, trabalho coletivo, presença de outros profissionais no cotidiano (não apenas de pedagogos, mas também psicólogos/psicanalistas, fonoaudiólogos, linguistas). Em meu livro de 2017¹, exponho um esquema para o fluxo de um regime em ciclo, “esquema das dobradiças” (metáfora que encontrei pra isso) e suas exigências para a alfabetização e o ensino da leitura. Organizar o cotidiano escolar, tirá-lo da seriação (que é o regime mais barato que existe) e de fato assumir o regime de ciclo com todas as suas implicações – é esta a missão!

-Uma forma de ensino construtivista funciona melhor com crianças que já tenham um contato frequente com textos em casa?

Na verdade, não só o construtivismo, mas todo e qualquer método! Crianças que já trazem boas condições de letramento dão pouco trabalho. O que deveria constituir a preocupação é a adoção de um regime de ciclo que leve em conta a heterogeneidade, porque mesmo

¹ Belintane, C. Da corporalidade lúdica à leitura significativa...São Paulo: Editora Scortec, 2017 (peça versão on line gratuita para o autor: claubelintane@gmail.com)

essas crianças que já vêm com boas condições, também trazem “pontos de enrosco”, situações mal resolvidas no processo de entrada na escrita, então, é fundamental ter uma equipe que avalie bem, que saiba reorganizar as turmas, a escola, de acordo com a heterogeneidade encontrada. Em nosso projeto, promovemos, por exemplo, reagrupamento na turma, entre-turmas e até entre-anos, em função dos objetivos avaliados. É pra esta complexidade que o professor tem que se formar.

-Faz sentido dizer que o construtivismo e métodos global e silábico têm um viés ideológico, como Nadalim já falou? Eles seriam de alguma forma ligados à esquerda?

Não! Isso é uma imensa besteira! Viés ideológico radical e estranho tem quem fica num polo de crítica achando que seu lugar é limpo, desideologizado, expurgado de todo mal – bem típico de pessoas que misturam ciência e religião, que é o caso de Nadalim. Todos somos ideológicos por princípio, assumimos ideias e lutamos por ela. O importante é pesquisar a realidade brasileira, partir dos problemas reais e não ficar criando imensas celeumas e divisões no mundo da educação. Precisamos de união, de gente que se interesse de fato pelo chão brasileiro, de onde nossas pesquisas devem partir e aprender a ver nossas teorias e métodos falharem. **É exatamente à falha que é preciso estar atento! É no hiato da falha que nasce a educação mais criativa e adaptada à realidade.**

-Método global é um método que mistura técnicas de alfabetização?

Método global aposta na perspectiva contrária à dos métodos sintéticos e fônicos, pois acreditam que um contexto maior é que rege a aprendizagem. Em muitos casos, como na versão americana (Goodman, Smith), chegaram a ser bem restritivistas – faziam lista do que não se podia fazer em sala, condenavam por exemplo, o uso de famílias silábicas. Por isso as misturas são comuns, muitos professores até partem de uma concepção mais global, mas em razão do que constatarem, acabam assumindo que é necessário, por exemplo, ensinar famílias silábicas também.

-Mesclar métodos para lidar com crianças que estão em níveis diferentes de alfabetização parece ser a ideia mais sensata. Por que, então, ainda se mantém essa discussão sobre qual método é o melhor?

Na verdade, acreditar piamente em metodologia é uma questão de má formação educacional. É o sonho de encontrar alguma estratégia de baixo custo, infalível, pronta, fácil de manusear,

espécie de manual do ensino-aprendizagem. A realidade é sempre mais complexa que as teorias, então, devemos nos preparar para lançar mão de conhecimentos de diversas origens: **da Linguística** (neste caso, cai bem conhecimento de fonética e até mesmo o ensino das correlações grafema-fonema); **da Educação**, entender bem a complexidade do ato de educar; **da Psicanálise/Psicologia**, entender a questão das singularidades, da complexidade em sala de aula; e de outras áreas. Se a rede escolar e a escola assumem um trabalho em equipe, pautado nos problemas reais que encontram em suas salas de aula, invertendo a mão das metodologias mágicas que provém dos mandantes, podem-se buscar novas estratégias e conhecimentos em função da problemática encontrada e, não como fazem esses adventícios, que tentam vestir roupa de boneca em corpo de gente.

-Em seu artigo de 2006² já há uma referência à intervenção do governo para dar destaque a um método de alfabetização. Se antes essa situação já o incomodava, como vê hoje a intervenção do MEC, que quer privilegiar o método fônico e ainda destrata acadêmicos da educação que seguem outras linhas?

Interessante, não! Querem adotar método barato e ao mesmo tempo tirar verbas das universidades. As verbas para pesquisas no campo educacional são fundamentais para descobrir nosso caminho, mas eles vão seguir a ideia de que "o que é bom para os EUA é bom para o Brasil", mesmo que os EUA não sejam tão fonocêntricos assim. Cortar verbas é reduzir a inteligência – esse é de fato o viés ideológico assumido para que esta direita radical possa avançar na destruição das universidades públicas. **Método Fônico cai bem no quadro político ideológico em que se aposta contra as entidades que lutam por autonomia e liberdade.**

SUAS ÚLTIMAS PERGUNTAS

O método fônico é mais usado nos EUA porque funciona melhor com o inglês?

² O artigo pode ser baixado no link :

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-97022006000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Também fizemos outras críticas mais recentes:
<https://www.grupo-oralidade-leitura-escrita.com/polemicas-geral> ;
https://docs.wixstatic.com/ugd/59d572_9e2a6c2ff51b4f65bd52dc1903f24d9a.pdf

É preciso se atentar às particularidades de cada idioma na hora de importar pesquisas e opiniões sobre alfabetização de fora? Ou seja, nem sempre o que é bom na França ou nos EUA funciona com as nossas crianças?

Sim, os EUA têm uma certa tradição no tratamento fônico no momento de entrada da criança na escrita em razão das dificuldades de sua ortografia, das diferenças entre a língua e a escrita (há até concursos regionais e nacionais de soletração!). Na hora de importar pesquisas, seja de direita ou de esquerda, com ou sem ideologia, o mais importante é levar em conta a cultura local, estudar as diferenças linguísticas regionais e criar linhas e estratégias singulares para a relação língua-escrita. O português do Brasil, mesmo em sua diversidade regional, é diferente do português de Portugal, por exemplo: os portugueses, mesmo na fala, são grandes produtores de encontros consonantais (falam : br'ata para barata, habl'ita para habilita), enquanto a criança brasileira escuta soar as vogais mais docemente. Nossa língua é mais musical, mais vocálica, então, lançar mão das descobertas espontânea das crianças pode ser um trunfo muito grande, mas, não se pode ser tão construtivista, porque isso tem limite. Um país do porte do Brasil precisa tomar nas mãos a alfabetização e o ensino de leitura ao seu modo, em suas singularidades e não importar modelos "infalíveis", mesmo quando esses alegam contar com o apoio das grandes descobertas científicas da atualidade - essas afirmações pra mim soam apenas como o elemento marqueteiro do processo, aliás, outra tradição americana, azeitar a máquina marqueteira também no campo científico.

Claudemir Belintane

Contato: claubelintane@gmail.com